

**UNIVERSIDADE BRASIL
CURSO DE PSICOLOGIA**

REBECCA SANTOS MEDRADO

**ONDE ESTÁ O FALO? A REDESCOBERTA DO DESEJO E O
SENTIMENTO DE COMPLETUDE NA PSICANÁLISE**

SÃO PAULO
2019

ONDE ESTÁ O FALO? A REDESCOBERTA DO DESEJO E O SENTIMENTO DE COMPLETUDE NA PSICANÁLISE

Rebecca Santos Medrado

Aluna do curso de Psicologia

Orientador Ms. Fábio Pinheiro Santos

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação apresentado à Universidade Brasil, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

SÃO PAULO
2019

RESUMO

Esse trabalho teve como finalidade demonstrar a importância de compreender que o ser humano é composto de sentimentos de falta, e que a partir deste conhecimento ele passa a buscar algo que supra as faltas para alcançar o sentimento de totalidade. Assim, quando não se sabe o que te preenche, conseqüentemente a possibilidade de sentir-se sem caminhos se aproxima, trazendo junto diversas sensações negativas como desesperança, apatia, entre outros. Dessa forma, descobrir onde está o falo a partir do processo psicoterapêutico, irá proporcionar ao indivíduo a possibilidade de reencontra-lo quantas vezes for necessário e onde quer que esteja.

PALAVRAS-CHAVE: Desejo, psicanálise, sublimação.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho teve como objetivo demonstrar que todo ser humano é um ser faltante e que a partir dessa falta se busca o preenchimento. Para Sigmund Freud (1901), falo é o organizador da sexualidade que limita o sujeito a ter o falo ou ser castrado. Essa configuração é o que irá determinar a predisposição do sujeito à formas diversas para alcançar o objeto sexual desejado. O conceito de falo tem um histórico traçado por equívocos, pois quando se fala sobre este, se tem erroneamente a ideia que falo significa pênis. Isso porque Freud anunciou que a primeira teoria sexual infantil se estabelecia a partir da concepção do menino que acreditava que todos possuem um pênis “para o menino, é natural pressupor que todas as pessoas que conhece têm um genital como o seu” (FREUD.1901, p.104).

Na menina não foi diferente, ao ver o genital do menino acreditava que tinha um pênis menor e durante seu desenvolvimento este viera a crescer, além de outras fantasias como o sentimento de que lhe foi tirado algo, já que sua genitália é diferente do menino. “A suposição de que há o mesmo genital (masculino) em todas as pessoas é a primeira das teorias sexuais infantis singulares e prenes de consequências.” (FREUD.1901, p.104). Em diferentes fases, a construção simbólica dos sexos passa por mudanças:

No estágio da organização pré-genital sádico-anal não existe ainda questão de masculino e feminino; a antítese entre *ativo* e *passivo* é a dominante. No estágio seguinte da organização genital infantil, sobre o qual agora temos conhecimento, existe *masculinidade*, mas não *feminilidade*. A antítese aqui é entre possuir *um órgão genital masculino* e *ser castrado*. Somente após o desenvolvimento haver atingido seu completamento, na puberdade, que a polaridade sexual coincide com *masculino* e *feminino*. A masculinidade combina [os fatores de] sujeito, atividade e posse do pênis; a feminilidade encampa [os de] objeto e passividade. A vagina é agora valorizada como lugar de abrigo para o pênis; ingressa na herança do útero. (FREUD,1923, p.157)

Destacando a diferença da construção simbólica elaborada nos diferentes sexos pode se introduzir a ideia de que falo, neste âmbito representa a presença de um preenchimento do ser masculino que (supõe ter um privilégio), e a menina possui a falta (suposto não ter o privilégio), não de um órgão, o pênis, mas da representação simbólica que este dispõe nas fantasias inconscientes de ambos, é perceptível então

que falo não significa pênis, mas pênis pode vir a significar falo. Tudo irá depender do valor atribuído ao objeto onde este dispõe de ser fonte de aquisição de poder ou motivo evidente de cobiça.

Sendo assim, se o falo é indicador de completude pressupõe-se que no decorrer da vida o indivíduo, tende-se sempre tentar satisfazer seus desejos em busca dessa totalidade. Sabemos que o sentimento de totalidade causa satisfação, mesmo que seja fantasioso, mas é preciso entender como se dá o processo de escolha do objeto de desejo para futuramente coligar as buscas adultas por seus preenchimentos e toda sua relação com seus históricos de desejos infantis.

Desejar o que quer que seja na idade adulta remete de maneira inconsciente à tentativa de retorno a traços mnêmicos de satisfação, que foram concebidos na infância e perdidas no período de latência. Identificar em si mesmo de que forma se sente completo, onde estão as pontes de realização dos meus desejos, diz em tal caso de qual maneira a felicidade e o sentimento de completude se torna acessível. Poder demonstrar a partir de exemplos de que forma algumas pessoas encontraram seus falos, pode induzir a capacidade de compreensão e identificação das próprias ideias de preenchimento e falta para alcançar uma vida mais autônoma e feliz.

1.1. OBJETOS DE DESEJO E PRIMEIRAS SATISFAÇÕES E SENSAÇÕES DE COMPLETUDE

O primeiro objeto que é fonte de prazer e satisfação na vida do indivíduo é o seio da mãe:

Quando a primeiríssima satisfação sexual ainda é vinculada á ingestão de alimento, o instinto sexual tem um objeto fora do próprio corpo, no seio da mãe. Ele o perde somente depois, talvez justamente na época em que se torna possível, para a criança, formar uma ideia total da pessoa a quem pertence órgão que lhe traz satisfação. Então o instinto sexual se torna, por via de regra, autoerótico, e somente após a superação do período de latência é restabelecida a relação original. Não é sem boas razões que a criança mamar no seio da mãe se tornou o modelo de toda relação amorosa. A descoberta do objeto é, na verdade, uma redescoberta. (FREUD,1901 p.143)

O sujeito quando bebê estabelece uma ligação altamente libidinal com o seio da mãe, e sua própria boca, pois quando sente fome que lhe parece ser aniquiladora, o seio vem com o leite atuando como solucionador da angústia causada pela fome. Qualquer desconforto sentido pelo bebê lhe parece ser resolvido pelo seio da mãe, e sua própria boca, por isso é natural vê-los levando qualquer coisa em direção à boca, pois é dessa forma que ele descobre o mundo, afinal, ainda não se dá conta para que servem as outras partes do seu corpo, e nem se tem a visão de um corpo. O bebê possui percepção fragmentada, sentindo que a mãe é parte dele, e ele é parte dela. É somente com o passar do tempo e o desenvolvimento que essa ideia se dissipa, e junto à decepção de não ser total.

Mas mesmo depois que a atividade sexual se desprende da ingestão de alimento, resta um elemento importante desse primeiro e mais relevante de todos os vínculos sexuais, que ajuda a preparar a escolha do objeto, ou seja, a restabelecer a felicidade perdida. (FREUD,1901 p.143)

A frustração de descobrir que não se é total, causa o desejo de apropriação do objeto gerador de satisfação, pois este fornece fantasiosamente a sensação de completude.

Quando o objeto se torna uma fonte de sensações prazerosas, estabelece-se uma tendência motriz que, trazendo-o para mais perto, procura incorporá-lo ao Eu; falamos então da “atração” exercida pelo objeto que proporciona prazer e dizemos, portanto, que “amamos” esse objeto. (FREUD,1915 p.57)

Assim, a sensação de ser incompleto é marcada pela busca de objetos capazes de preencher esse vazio, quando este é apto para completar o que foi julgado faltante, se cria amor e apego por aquilo que causa sensação de integridade.

Ao longo do desenvolvimento do indivíduo, há a substituição dos objetos de prazer, no primeiro momento, segundo Freud (1915) o objetivo é puramente narcísico, onde satisfazer as pulsões autoeróticas são prioridades.

Se definirmos em principio o amar como a relação do Eu com suas fontes de prazer, a situação na qual o Eu ama apenas a si próprio, e é indiferente ao mundo, ilustra a primeira das oposições que encontramos para o “amar”. O Eu, na medida em que é autoerótico, não tem necessidade do mundo exterior. (FREUD,1915, p.53)

Em seguida, “após a fase puramente narcisista dar lugar a fase objetal, o prazer e o desprazer significam as relações do Eu com o objeto” (FREUD, 1915, p.55). Compreendendo então que, após as tentativas de satisfações autoeróticas, o ser transfere o objeto de prazer para o externo. Freud (1915) descreve nas fases psicosexuais os símbolos que marcam esse acontecimento, onde a fase oral o objeto fálico é o seio, fase anal (fezes), fase fálica (falo) e período de latência, onde o objeto de desejo é adormecido até a puberdade. Após o período de latência, o sujeito retoma na fase genital a busca pelo objeto fálico amado que foi perdido, pois este possui grande significado simbólico, que já lhe foi fonte de prazer e em algum momento trouxe satisfação.

1.2. O FALO COMO CENTRO DO DESEJO

Na fase fálica, destaca-se o falo como significante do desejo, posto que em ambos sexos a representação deste irá estruturar a conduta na busca do objeto de satisfação, seja tentando enaltecer as funções fálicas no caso do homem ou restaurar o sentido do objeto perdido no caso da mulher.

Todo o contexto se dá, a partir da ideia de posse do falo, no menino a tentativa de permanecer com este que para ele é a fonte de prazer não só para ele e sim para a mãe na qual almeja, mas também como aquele que fantasiosamente lhe fornece benefícios (virilidade, poder, autoridade, fecundidade, etc.) assim como o pai, que é seu rival. Logo se constrói a ideia de que existem pessoas que não tem pênis porque possivelmente foi tirado, portanto passa acreditar que o seu órgão também pode ser removido, assim é tomado pelo medo da castração, e neste momento o menino passa a identificar-se com o pai, para conseguir alguém como a mãe.

A menina alimenta a fantasia da tentativa de recuperar o falo que lhe foi tomado. Freud afirma que “a garota responsabiliza a mãe por sua falta de pênis e não lhe perdoa essa desvantagem” (FREUD,1930, p.279). A ideia de perda da menina é tomada pela inveja do pênis e induz o rancor contra a mãe por não ter sido capaz de impedir a retirada de seu objeto. Somente depois que a menina é vencida pelo fato de que não possui um pênis que ela se identifica com mãe que também não tem, e

adquire estratégias para obter esse falo assim como acha que a mãe fez ao conseguir ter o pai.

A ausência de um pênis é vista como resultado da castração, tanto para um quanto para outro. Em ambos os casos, a frustração é relacionada a perda do falo. A tendência do ser humano é evitar quaisquer sentimentos de falta e insatisfação, mas desde o nascimento o ser vivencia o encontro com o objeto que lhe causa satisfação e logo em seguida o perde. Com o falo não é diferente.

Viver, nesse âmbito é a constante busca pelo reencontro das sensações de integridade já vivenciadas a partir de uma relação estabelecida com um objeto. A forma pela qual o indivíduo encara a perda do falo como objeto de desejo, vai determinar como ele irá responder as situações e condutas da sua vida.

Entendemos que com a cessação do complexo de Édipo a criança teve de renunciar aos intensos investimentos de objeto que fez nos pais, e como compensação por essa perda de objeto são bastante fortalecidas as identificações que provavelmente existiam há muito no seu Eu. Tais identificações, enquanto precipitados de investimentos objetivos abandonados, repetir-se-ão depois frequentemente na vida da criança. (FREUD, 1930, p.201)

O sujeito pressionado pelas pulsões que consistem em satisfazer os desejos do Eu, elabora metodologias para evitar qualquer situação que gere abdicação de prazer, a identificação com os pais é resultado deste conceito, isso porque para a criança o movimento incesto por si só seria fonte de gozo, mas a castração age interrompendo e proibindo a fantasia incestuosa. Neste momento, a interrupção do incesto também significa a perda do falo, a perda do poder e virilidade no qual a criança sentia ter sobre os pais, a identificação com os pais e a repetição dos modelos de identidade surge como tentativa recuperar o falo perdido.

Independente da condição entre ter falo ou ser castrado, em ambos os casos o falo permanece como significante do desejo acontece que para Lacan, este vem assumir o lugar de falta.

Esse termo designa o pertencimento imaginário de alguma coisa que, no nível imaginário, é-lhe dada ou não, que ela tem permissão de desejar como tal, e que lhe falta. O falo intervém então como

falta, como objeto de que ela foi privada, como objeto da Penisneid.
(LACAN,1999 p. 213)

Pressupor que falo é sinônimo de falta seria o mesmo que dizer que a busca incessante dos seres humanos pela completude é promovida por algo que na verdade não completa, já que este é faltante. Isso tornaria inválida a tentativa do ser em tentar preencher-se, pois não faria sentido tentar se preencher daquilo que é faltoso. Além do mais, dizer que algo falta, presume que algo preenche. A evidência de que falo é símbolo de preenchimento e não de falta, está justamente na tentativa do indivíduo de reencontrar o objeto que é fonte de satisfação e gozo. Quando o sujeito toma posse daquilo que gera sentimento de potência, independentemente de sua peculiaridade, sendo a posse de algo real ou imaginário, este vem a sentir-se completo, mesmo que o desejo seja deslizante, passe de um objeto para outro, em algum momento nesta transição há sentimento de completude e satisfação.

1.3 CAMINHOS DE REENCONTRO DO FALO

O falo tem a configuração polimorfa, isso porque, para cada pessoa ele terá um significado diferente ligado ao desejo e a tentativa de viver novamente o sentimento infantil de completude. Por essa tentativa estar ligada ao incesto infantil, os mecanismos de defesa do ego se organizam para alcançar o gozo que anteriormente lhe foi interrompido, o sujeito constrói um novo jeito para obter seu prazer sem o perigo de ser aniquilado e mais tarde assumir posturas socialmente aceitáveis.

O mecanismo de defesa “sublimação” como sendo "a esta capacidade de substituir a meta sexual originária por outra não sexual, porém psiquicamente a ela atrelada, denomina-se capacidade de sublimação" (FREUD, 1908/2007, p.168) fortalece a ideia de que a busca pelo objeto sexual e o sentimento de completude é tão forte na vida do sujeito, que mesmo após a castração (origem da falta) este tenta reencontrar o falo perdido de maneira dessexualizada em alguma atividade prazerosa para tentar preencher-se. É possível que um sujeito tente reencontrar seu falo perdido através da sublimação sobre expressões artísticas:

A ocultação do corpo, que cresce juntamente com a civilização, mantém desperta a curiosidade sexual desvelando suas partes ocultas, as que pode

ser desviada (“sublimada”) para o âmbito artístico, quando se consegue retirar seu interesse dos genitais e dirigi-lo para a forma do corpo em seu conjunto. É natural que a maioria das pessoas normais se detenha, em alguma medida, nessa meta sexual intermediária do olhar sexualmente matizado; isso lhes dá, inclusive, a possibilidade de guiar certo montante da sua libido para metas artísticas elevadas. (FREUD,1901, p.50)

Excitações mecânicas:

As sacudinelas das carruagens e, depois, dos trens produzem um efeito tão agradável nas crianças maiores que todos os meninos em algum momento, desejam se tornar cocheiros e condutores. Eles costumam dedicar um interesse misterioso e de grande intensidade às coisas relacionadas aos trens, e na idade da fantasia (pouco antes da puberdade) fazem delas o núcleo de um simbolismo refinadamente sexual. (FREUD,1901, p.113)

O sujeito pode também reencontrar seu falo a partir dos papéis que assume, quando uma mãe tem um bebê este pode vir à ser o falo dela, para a criança não é diferente:

Quando a mãe impõe sua autoridade, ela *tem* o Falo; mas quando a criança a sente toda dele, ela é seu Falo. Se minha mãe se zanga comigo, ela é fálica e todo-poderosa; se, em contrapartida, rivalizo com meu colega para saber quem tem a mãe mais bonita, minha mãe é meu Falo mais precioso. Vocês veem como uma mãe pode ser duplamente fantasiada como *tendo* o Falo e como *sendo* o Falo. (NASIO,1901, p.79)

Sendo assim, a tentativa de reencontrar o falo é extremamente ampla, a sublimação como demonstrada é uma maneira positiva de desvio da meta sexual fálica, mas não é a única bem como visto no exemplo da mãe e da criança.

A palavra Falo designa não apenas o pênis quando fantasiado, isto é, quando vivido como símbolo da força, como também toda pessoa, objeto ou ideal a que sou visceralmente ligado, de que sou dependente e que sinto como a fonte de minha potência. (NASIO,2007 p.78)

Portanto, na visão de Lacan o falo representa apenas falta e atua como objeto inexistente, o que torna-se inválido quando se observa que a tentativa de obter o falo de todas as formas citadas, entre outras, também é a tentativa do indivíduo de sentir-se completo como já sentira anteriormente devido ao alto sentimento de prazer.

2. DISCUSSÃO

Quando Freud (1901) introduz a ideia sobre o desenvolvimento sexual infantil e amplia o sentido do significado sexual para além de uma relação erótica genitália, o ser humano passa a compreender que existem outras formas de gozo que já lhe eram alcançadas antes mesmo de saber que as praticava. Embora o indivíduo não se dê conta que desde o seu nascimento tem buscado evitar todas as angústias que lhe vem à tona, este passa a formular metodologias para aniquilar o sofrimento causado por sensações de falta, como a fome, a ausência da mãe.

Desse modo, a constante substituição de objetos de prazer atua como tentativa de manter ocupado o buraco vazio da falta, influenciando o indivíduo a encontrar e reencontrar em inúmeras formas o falo que lhe é fonte de sensações de preenchimento deste buraco.

Assim, compreender que o ser humano é um composto de sentimentos de falta e de preenchimento, e que existe um padrão de busca, que é adquirido a partir dos primeiros códigos que são gerados ao experimentar sensações prazerosas, é possível entender concomitante a este fato que descobrir onde estão os focos de falta e angústia, irá auxiliar o indivíduo a reconhecer quais são os padrões assumidos pelo sujeito para alcançar a completude, conforme vimos diante deste trabalho a teoria da sublimação postulada por Freud (1908) atua como principal tentativa de reencontro do falo.

O sujeito em sofrimento inclina-se a não perceber esses fatores, já que está sentindo, mas não está compreendendo. Muitas das vezes se pergunta de onde originou seus problemas e anseios, ou até mesmo por quais motivos as situações em sua vida tendem a repetirem nas mesmas proporções que já vividas anteriormente, mas envolvendo pessoas diferentes. É aqui que a psicanálise em prática contribui

para o alcance dessa percepção, o sujeito passa de um mero desconhecido de seus próprios desejos para um entendedor dos princípios dessa formação.

A psicoterapia proporciona ao predisposto a luz do conhecimento sobre a origem das intermináveis buscas, atuando como facilitador no processo de descoberta e redescoberta do objeto. Encontrar o objeto faltante para possuí-lo e tornar acessível o sentimento de completude pode restaurar a vida de um ser humano apático, que não sabe onde está seu falo, ou seja, não sabe onde está aquilo que lhe fornece tanta energia vital. Se a busca pelo falo é o que move a vida e o prazer, é imprescritível saber onde irá encontra-lo.

3. CONCLUSÃO

Em virtude do que foi apresentado, o desconhecimento do ser humano sob seus próprios desejos é o que o afasta de vivenciar momentos de felicidade, já que a felicidade está intensamente ligada à sensação de completude que é proporcionada pelo falo. Desta forma, o processo psicanalítico irá nortear o indivíduo a entrar em um caminho de descoberta de seus próprios anseios, fazendo com que este tenha autonomia suficiente para responder para si mesmo onde está o falo, ou seja, onde está aquilo que lhe preenche. A partir da capacidade de reconhecer suas faltas, o sujeito poderá ter uma vida autêntica e muito mais feliz.

Assim, é possível concluir que este trabalho teve como objetivo demonstrar as evidências da constante busca do ser humano pelo sentimento de completude, que estar ciente disto torna mais fácil a recorrência do mesmo sentimento e que é a partir desta percepção adquirida pelo processo de terapia, que o indivíduo se terá maior capacitação autônoma.

Por fim, este trabalho também pode ser a luz para tornar acessível à compreensão de que o bem-estar psicológico é uma construção feita pela realização de nossos desejos e como é importante encontrá-los para vivenciar uma vida feliz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREUD. S. **Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)**, v.VII, p.128-229. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Organização genital infantil (1923)**, v.XIX, p.157-161. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **A dissolução do complexo de Édipo (1924)**, v.XIX, p.193-199. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Algumas consequências psíquicas da diferença anatômica entre os sexos (1925)**, v.XIX, p.277-286. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Sexualidade feminina (1931)**, v.XXI, p.233-251. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Conferência XXXIII — Feminilidade (1932)**, v.XXII, p.113-134. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Esboço de Psicanálise (1938)**, v.XIX, p.15-80. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

FREUD. S. **Organização genital infantil: uma interpolação na teoria da sexualidade (1923)**. Rio de Janeiro: Imago. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, 19).

LACAN, J. (1957-58/1999) **O Seminário 5 - As formações do inconsciente**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

NASIO, J.-D., “O conceito de castração”, “O conceito de Falo” e “O conceito de supereu”, in **Lições sobre os 7 conceitos cruciais da psicanálise**, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2001, p.13-30, 37-41, 129-45.

VIEIRA, M. A. **Restos**: uma introdução lacaniana ao objeto da psicanálise. Rio de Janeiro: Contracapa, 2008.

ZACK, O. **O Édipo**: um impasse (2008), em MILLER, J.-A. et al. Del Edipo à la sexuación. Buenos Aires: Paidós, p.159-167.